

A IMPORTÂNCIA DO RANKING DO ENEM PARA A SOCIEDADE E AS DIFERENÇAS ENTRE AS REDES DE ENSINO

Aleksandre Saraiva Dantas (1); Jonyson Tobias de Sousa Bessa (1); Walter Martins Rodrigues (2)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. E-mail:

aleksandre.dantas@ifrn.edu.br

Escola Estadual Dix-sept Rosado. E-mail: Jonyson_tobias@hotmail.com

Universidade Federal Rural do Semiárido. E-mail: walterm@ufersa.edu.br

RESUMO: A partir do momento em que o ENEM se tornou a principal forma de acesso dos jovens às universidades, a preocupação em com o ranking do ENEM passou a determinar as ações nas escolas e na escolha de escolas. Nesse contexto, o objetivo desse trabalho é analisar se o ranking do ENEM, apresentado pelo INEP, é um referencial capaz de descrever a realidade de cada escola, contemplando as diversas variáveis envolvidas nesse resultado (como, por exemplo, o indicador de nível socioeconômico de cada escola, o indicador de permanência do aluno na escola entre outros), buscando ainda entender a importância desse ranking para a sociedade e discutir a grande divergência que ocorre na colocação entre as redes de ensino, principalmente em relação à rede estadual e a rede particular. Para que possamos atingir os objetivos propostos, realizamos uma análise documental com foco no resultado divulgado pelo INEP, em 2015, em relação ao exame de 2014. Para uma análise mais próxima da nossa realidade, trabalharemos com os resultados das 270 escolas do Rio Grande do Norte que participaram do ENEM, sempre comparando os resultados das escolas do RN com os dados das escolas do Brasil. a influência do indicador de nível socioeconômico das escolas participantes do ranking, onde foi possível constatar que o nível socioeconômico da instituição exerce uma influência significativa na colocação da escola. A maioria das escolas com pior desempenho está situada nos níveis socioeconômicos médio baixo ou baixo. É importante ressaltar que, por mais que o nível socioeconômico da escola influencie na sua posição no ranking do ENEM, existem escolas que situadas nos níveis médio baixo e médio e que conseguem atingir bons resultados, evidenciando a possibilidade de a escola realizar um bom trabalho e obter bons resultados, mesmo atendendo alunos oriundos de grupos econômicos menos favorecidos. Por fim, podemos concluir que existe um conjunto de fatores que irão influenciar na posição da escola no ranking do ENEM. Porém, sem subestimar a importância dessa avaliação, consideramos que para que a sociedade brasileira desfrute de uma educação de qualidade é preciso muito mais que um bom resultado nesse exame. Nesse sentido, consideramos que uma educação voltada para a formação integral do aluno precise de uma maior valorização social dos profissionais da educação, com melhoria efetiva dos seus salários, das suas condições de trabalho e da sua formação (inicial e continuada). Além disso, é fundamental o envolvimento da família na vida escolar dos alunos. Só assim, a escola poderá contribuir para a formação de cidadãos éticos, autônomos e capazes de desenvolver todas as suas potencialidades pessoais e profissionais.

Palavras-chave: avaliação, ranking, nível socioeconômico, trabalho docente, qualidade do ensino.

1. INTRODUÇÃO

Desde 2009, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) vem passando por reformulações e, hoje, com 112 instituições de ensino superior,

federais e estaduais, que utilizam as notas obtidas pelos candidatos em todo o Brasil, ele passou a ser uma das principais portas de acesso às universidades, reduzindo, significativamente, o número de instituições de nível superior que ainda fazem uso dos vestibulares tradicionais. Segundo uma análise sobre o ENEM, feita por educadores do estado do Paraná e publicada na página da Federação Nacional das Escolas Particulares (FENEP):

O ENEM, transformado em grandioso processo seletivo, deve também ter como objetivo balizar e nortear todo o ensino da Educação Básica. Nesse sentido, MEC e INEP podem e devem promover uma ampla discussão sobre o estabelecimento de um programa curricular unificado para todo o território brasileiro. Essa discussão precisa contemplar opiniões não apenas de mestres e doutores em metodologia e didática, mas também de professores que estão no dia a dia com os alunos. Quais são os conteúdos, habilidades e competências relevantes? Quais assuntos que podem ser postergados para o Ensino Superior? Essas são algumas das importantes questões que precisam ser urgentemente respondidas. (FENEP, 2013, p. 03)

Devido à grande importância que alcançou, o ENEM se tornou um dos assuntos mais discutidos nas escolas de Ensino Médio, que têm trabalhado de forma árdua em busca de preparar seus alunos para esse exame, almejando, também, uma excelente colocação no ranking que é apresentado após o fim de cada processo, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

Nesse contexto, o objetivo desse trabalho é analisar se o ranking do ENEM, apresentado pelo INEP, é um referencial capaz de descrever a realidade de cada escola, contemplando as diversas variáveis envolvidas nesse resultado como, por exemplo, o indicador de nível socioeconômico de cada escola e o indicador de permanência do aluno na escola, buscando ainda entender a importância desse ranking para a sociedade e discutir a grande divergência que ocorre na colocação entre as redes de ensino, principalmente em relação à rede estadual e à rede particular.

Inicialmente discutiremos alguns pontos sobre o ranking do ENEM divulgado pelo MEC, bem como a sua importância para as escolas e a veracidade que ele transmite acerca das instituições das diferentes redes de ensino.

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) foi criado em 1998 com a finalidade de avaliar os concluintes do Ensino Médio e hoje é uma prova de abrangência nacional, aplicada anualmente pelo INEP. Nos primeiros dez anos, este exame foi usado exclusivamente para avaliar as habilidades e competências de concluintes do Ensino Médio, sem o objetivo de ser usado na seleção de alunos para o Ensino Superior.

A partir de 2009, medidas governamentais estimularam o uso do ENEM como forma de acesso ao Ensino Superior no Brasil.

2. METODOLOGIA

Para que possamos atingir os objetivos propostos, realizamos uma análise documental com foco no resultado divulgado pelo INEP (BRASIL, 2015), em relação ao exame de 2014. Os dados abrangem resultados de 15.640 escolas de todo o país e de 1.295.954 estudantes que participaram do ENEM.

É importante ressaltar que só participaram desse ranking as escolas que cumpriram, concomitantemente, os dois critérios de possuir pelo menos 10 (dez) alunos concluintes do Ensino Médio regular seriado participantes do Enem 2014 e possuir, pelo menos, 50% de alunos participantes do ENEM 2014, de acordo com os dados do Censo Escolar 2014.

Para uma análise mais próxima da nossa realidade, trabalharemos com os resultados das escolas do Rio Grande do Norte, sempre comparando também com os dados das escolas do Brasil inteiro. O ranking do Rio Grande do Norte é formado por 270 instituições que obedecem aos critérios citados anteriormente.

Para expor melhor tais resultados, dividiremos as notas em sete classes:

Tabela 01 – Classes utilizadas descrever o desempenho das escolas no ENEM

Classe	Pontuação
01 – Muito baixa	$x < 450$
02 – Baixa	$450 \leq x < 500$
03 – Razoavelmente baixa	$500 \leq x < 550$
04 – Regular	$550 \leq x < 600$
05 – Boa	$600 \leq x < 650$
06 – Ótima	$650 \leq x < 700$
07 – Excelente	$x \geq 700$

O próprio INEP trabalha com essas 07 classes de notas para distribuir as escolas participantes. Porém, o INEP não usa essas variáveis linguísticas, que usaremos para melhorar a nomenclatura de cada classe. Os pontos que discutiremos abaixo terão como referência os resultados das 270 escolas do RN que prestaram ENEM, nas condições exigidas pelo MEC, no ano de 2014. Em paralelo, usaremos dados nacionais para melhor expor a situação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma primeira análise desses dados trata da grande diferença das notas entre as escolas privadas e públicas, principalmente as escolas estaduais. As escolas privadas ocupam praticamente toda a parte superior do ranking, enquanto as escolas

estaduais ocupam toda a parte inferior. Já as escolas federais têm um desempenho um pouco melhor, apesar de um número pequeno, mas sempre estão aparecendo entre as melhores posições. Perceba a quantidade de escolas por classe pela tabela abaixo:

Tabela 02: Classificação das escolas do Rio Grande do Norte, nas três redes de ensino

Escola	Classe 01	Classe 02	Classe 03	Classe 04	Classe 05	Classe 06	Classe 07
Privada	0	9	30	27	22	13	5
Estadual	57	79	12	0	1	0	0
Federal	0	0	0	1	8	6	0

É possível perceber que a imensa maioria das escolas estaduais não consegue alcançar a quarta classe. Com exceção de uma escola que atingiu a classe cinco, todas as demais não passaram da classe três, onde apenas 12 escolas estaduais alcançaram a classe três. Em contrapartida, as escolas federais estão situadas a partir da quarta classe, ficando concentradas nas classes cinco e seis. Já as escolas privadas aparecem em praticamente todas as classes, tendo uma maior concentração entre as classes intermediárias.

A constatação de que existem escolas particulares situadas na segunda classe evidencia que, simplesmente, matricular o filho em uma escola privada não é garantia de que ele receberá educação de qualidade, dentro dos parâmetros de qualidade estabelecidos pelo INEP.

3.1 – Indicador de nível socioeconômico

Um dos fatores decisivos para explicar a classificação das escolas no exame do ENEM é o indicador de nível socioeconômico. Ele sintetiza as características dos indivíduos em relação à sua renda, ocupação e escolaridade.

Travitzki (2013) constatou que os resultados apresentados nos rankings estão pouco vinculados ao mérito das escolas. Para esse autor,

Esses dados mostram que, sem controlar as condições de contexto, as variações nos resultados dos alunos podem ser parcialmente explicadas pelo estado a que eles pertencem (3%), numa proporção bem maior pela sua escola (22%), restando ao nível dos indivíduos 75% do “mérito” na variação nos resultados brutos. Assim, a magnitude do efeito escola é estimada inicialmente em 22%. Contudo, após controlar o nível socioeconômico, o efeito escola diminui para 7%, chegando a 6% quando se controla todas as condições contextuais. Em outras palavras, a magnitude do efeito escola tipo B foi estimada em 6%, sugerindo que, retirando a influência de variáveis que não estão sob o controle das escolas, estas instituições respondem por uma parcela muito pequena do resultado de seus alunos no ENEM. (TRAVITZKY, 2013, p. 226-227)

O maior impacto é alcançado quando se compara o desempenho das escolas de acordo com o nível socioeconômico dos alunos. Aquelas com alunos de condição econômica muito alta alcançaram média de 611 pontos, 182 pontos a mais do que aquelas com nível socioeconômico considerado muito baixo, que é de 429 pontos. Além disso, entre as 50 melhores escolas públicas do país, por exemplo, 46 estão classificadas nos dois níveis socioeconômicos mais elevados.

Na próxima tabela, podemos ver a distribuição das escolas do RN pelo nível socioeconômico:

Tabela 03: Nível socioeconômico nas três redes de ensino

Escola	Muito Alto	Alto	Médio Alto	Médio	Médio Baixo	Baixo	Total
Privada	12	27	51	12	4	0	106
Estadual	0	0	4	37	86	22	149
Federal	0	0	4	8	3	0	15
Total	12	27	59	57	93	22	270

Como podemos ver, não existem escolas das redes estadual e federal com nível socioeconômico muito alto ou alto, começando a aparecer somente no médio alto, e ainda assim um número muito reduzido.

Agora, vejamos os níveis socioeconômicos separados pelas sete classes de notas, na tabela a seguir:

Tabela 04: Nível socioeconômico distribuído por classes de notas

	Classe 1	Classe 2	Classe 3	Classe 4	Classe 5	Classe 6	Classe 7
Muito Alto	0	0	0	0	2	5	5
Alto	0	0	5	7	8	7	0
Médio Alto	0	8	20	15	11	5	0
Médio	6	29	9	5	6	2	0
Médio Baixo	37	45	6	1	4	0	0
Baixo	14	6	2	0	0	0	0

Perceba que quanto maior o nível socioeconômico, melhores são as notas da escola. Mas isso fica mais evidente quando olhamos para os níveis muito alto e baixo. Todas as escolas de nível socioeconômico muito alto estão entre as três melhores notas, concentrando-

se nas duas maiores notas. Já as escolas de nível socioeconômico baixo estão com as piores notas, ficando, a maioria, na classe 01.

Outro dado importante é que das 100 escolas públicas com melhores médias nas provas objetivas no país, praticamente todas são de nível socioeconômico alto ou muito alto, de acordo com os parâmetros do próprio INEP. Apenas cinco unidades têm nível classificado como intermediário (médio alto) e uma não têm informações socioeconômicas cadastradas.

3.2 – Como escolher a escola certa

A criação do ranking do ENEM tem sido vista como uma forma mais fácil de diagnosticar qual escola pode auxiliar melhor na formação do estudante, posto que as escolas de melhores posições no ENEM acabam ganhando um maior destaque, influenciando muitos pais, na hora da escolha da escola. Devido a isso, existe uma guerra de marketing que tem se acirrado entre as escolas, que acabam usando a sua colocação no ranking para atrair mais alunos, tendo o Ensino Médio da instituição como sua principal vitrine.

Dessa forma, cria-se uma grande problemática, pois os resultados apresentados nos rankings não estão vinculados apenas ao trabalho das escolas, haja vista que são vários os fatores que influenciam na nota da escola no ENEM. Segundo Travitzki (2013), o efeito da escola corresponde a apenas 21% do resultado que essa escola obtém no ENEM.

Não se trata aqui de criticar o INEP, que faz seu trabalho de produção e divulgação de informações estatísticas sobre a educação. Tão pouco de criticar a mídia, que responde aos anseios e curiosidades do grande público. O valor mercadológico do “ranking do ENEM” é inquestionável, até porque o mercado sabe o real valor de um exame de admissão para universidades públicas, gratuitas e de qualidade, em um país como o Brasil.

Uma reportagem publicada no site da UNOESTE (Universidade do Oeste Paulista) relata justamente essa temática da competição, onde o que interessa é a nota do aluno, e o resto é ignorado.

O exame Nacional do Ensino Médio (Enem) é visto como uma distorção com efeitos danosos para a educação no país. A aferição de conhecimento está centrada em processo de múltipla escolha, o que contempla a memorização. O que mais interessa é a quantidade de pontos, estabelecendo a competição e a visão individualista. Ignora-se o ensino crítico e reflexivo voltado para promover a cidadania através da análise das realidades social, histórico e cultural; e com isso possibilitar ações transformadoras na construção de uma sociedade melhor (UNOESTE, 2013, p. 01).

Os educadores convivem com alunos pressionados a atingir uma boa nota no ENEM. Em muitos casos esse aluno ainda nem sabe qual a profissão em

que pretende atuar e, conseqüentemente, o curso superior em que quer estudar. O ENEM dá essa vantagem em escolher o curso depois do resultado individual de cada um, usando o SISU (Sistema de Seleção Unificada), algo considerado bom, pois o aluno pode optar pelo curso que sua nota for suficiente para entrar. Mas também há um lado negativo nessa possibilidade de escolha, pois muitos estudantes optam por cursos que não pretendiam ou que não tinham afinidade e, ao se depararem com a realidade do curso, acabam evadindo.

Na verdade, uma escola com um alto nível socioeconômico não é exatamente sinônimo de bom resultado no ENEM. Se voltarmos para os dados do RN expostos na tabela 04, podemos observar que um bom número de escolas de nível socioeconômico médio conseguiu atingir a classe 06.

É importante notar que só escolas de nível socioeconômico muito alto atingiram a classe 07. Em quase todos os outros níveis, tivemos escolas que atingiram a classe 06, exceto as escolas de níveis médio baixo e baixo. Assim, podemos concluir que, em alguns casos, uma escola muito cara não é sinônimo de ensino de alta qualidade, dentro dos padrões do INEP. Além disso, fica evidente que existem pais pagando bem menos que outros e os filhos estão obtendo o mesmo resultado, fato que deve ser levado em consideração na escolha de uma escola.

Apesar de ter função de diagnosticar a qualidade da educação no Ensino Médio, o ranking do ENEM deve ser usado com cuidado pelos pais como critério de escolha. O ex-ministro da educação, Renato Janine Ribeiro, em entrevista ao G1, afirmou: “Nós queremos dar os dados do ENEM, mas mostrar que não são absolutos, podem ser interpretados de formas diferentes. O pai não pode só olhar o ranking puro do Enem ao matricular o filho na escola” (RIBEIRO, 2015, p. 01).

Travitzki (2015) discute justamente essa questão de como avaliar as escolas. Ele começa falando que há muitas formas de se avaliar escolas e algumas são tecnicamente aceitáveis, embora geralmente imprecisas, e que precisamos ter clareza do objetivo de cada avaliação, dos pressupostos teóricos, dos recursos disponíveis, para escolhermos com sabedoria entre as diversas opções. Ele expõe três características que esperaria encontrar em uma boa escola, que são:

- a) Valor adicionado – a escola ensina e tem um impacto positivo no aprendizado dos alunos;
- b) Equidade – a escola consegue ensinar igualmente bem a diferentes tipos de aluno;
- c) Desenvolvimento integral – a escola ensina diferentes tipos de inteligências e habilidades.

É importante ressaltar que nessa terceira característica ele fala que a escola tem que ensinar diferentes tipos de inteligências e habilidades, o que nos leva a crer que ele está falando em formar um cidadão preparado para encarar qualquer situação problema, capaz de ter uma autocrítica sobre qualquer questionamento que seja exposto. Não é aquela preocupação em formar um engenheiro, um médico, um advogado ou determinado profissional, mas, sim, uma pessoa capaz de lidar com as dificuldades e situações que a vida pode lhe colocar.

3.3 – O trabalho docente nas diferentes redes de ensino

Outro fator muito importante para a formação dos alunos é o trabalho desenvolvido pelo corpo docente de cada escola. Os professores são os responsáveis diretos pela formação do aluno e, muitas vezes, recebem excessivas cobranças dentro ou fora da sala de aula, dificultando o compartilhamento do conhecimento que deverá ser partilhado durante a vida dos discentes.

O corpo docente das três redes de ensino básico do Brasil é bem diferente e essas diferenças se apresentam desde o processo de seleção do professor, pois cada rede de ensino tem uma forma diferente de selecionar o seu profissional. Além disso, tem a questão do nível de exigência a que esses profissionais são submetidos, onde as escolas privadas cobram resultados de seus educadores em avaliações como o ENEM, o que não costuma ocorrer com os professores das escolas públicas.

Outro ponto fundamental para o desempenho dos professores é o salário. Se os Institutos Federais e algumas escolas privadas já oferecem melhores salários aos seus professores, nas escolas públicas estaduais do Rio Grande do Norte está questão ainda se apresenta como um problema que dificulta o trabalho docente, haja vista que os baixos salários obrigam os professores a exercer uma dupla ou até uma tripla jornada de trabalho para conseguir elevar sua remuneração.

Além disso, há a problemática referente às condições de trabalho dos professores. Enquanto os Institutos Federais e determinadas escolas privadas oferecem boas condições de trabalho para seus professores, os professores de diversas escolas estaduais ainda tem que lidar com condições de trabalho precárias (falta de materiais e laboratórios, falta de segurança etc.), de modo que inúmeras greves que acontecem nessa rede de ensino trazem como bandeira a luta por melhores condições de trabalho e melhor remuneração.

Cabe, ainda, ressaltar que, em levantamento realizado recentemente, foi possível constatar que

as questões salariais e de caráter profissional, aquelas atinentes à defesa dos direitos trabalhistas, ainda são as mais contundentes nas lutas e manifestações dos trabalhadores docentes. Isso se explica provavelmente pelo quadro de precarização das condições de trabalho e de remuneração a que esses profissionais se viram submetidos nos últimos anos. (OLIVEIRA, p. 15, 2004)

Diante dessa realidade, são muitos os casos de professores que acabam se afastando por algum problema de saúde. De acordo com o DMPTSP (2012), o levantamento recente divulgado pelo Sindicato dos Professores do Ensino Oficial de São Paulo aponta que 17% dos professores da rede estadual não estão exercendo suas atividades por afastamento motivado por problemas de saúde, sendo a principal causa o estresse. Na pesquisa “Saúde dos Professores e Qualidade do Ensino”, 48,5% dos professores entrevistados disseram já terem sido diagnosticados com estresse, e 26,6%, com depressão. Dentre o total de entrevistados, 81,6% das pessoas se queixaram de cansaço; 67,8%, de nervosismo; 62,2%, de ansiedade, e metade declarou sofrer permanentemente de angústia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente trabalho foi analisar o ranking do ENEM, com o intuito de mostrar a sua fidedignidade em relação aos resultados que apresenta sobre o posicionamento das escolas. Para a realização das comparações, foram usados dados extraídos do próprio ranking.

A partir dessa análise, pode-se perceber que as escolas se aproveitam desses resultados divulgados pelo INEP e criam formas de atrair um maior número de alunos. Um dos fatores que foi bastante discutido durante a pesquisa foi a influência do indicador de nível socioeconômico das escolas participantes do ranking, onde foi possível constatar que o nível socioeconômico da instituição exerce uma influência significativa na colocação da escola, haja vista que, no Rio Grande do Norte, as únicas escolas que atingiram a classe 7 foram aquelas com nível socioeconômico muito alto. A maioria das escolas com pior desempenho está situada nos níveis socioeconômicos médio baixo ou baixo.

A partir desse trabalho, foi possível chegar a algumas conclusões bem nítidas. A primeira é o baixo rendimento das escolas estaduais em relação à nota do ENEM. Vimos que as primeiras posições do ranking são ocupadas por escolas privadas, mas que os Institutos Federais também alcançam boas posições. Mesmo sendo escolas públicas, os Institutos Federais não se enquadram entre as escolas com nível socioeconômico baixo, de modo que a maioria dos seus alunos se encontra nos níveis socioeconômicos entre médio baixo, médio e médio alto.

É importante ressaltar que, por mais que o nível socioeconômico da escola influencie na sua posição no ranking do ENEM, existem escolas que situadas nos níveis médio baixo e médio e que conseguem atingir bons resultados (situando-se nas classes 05 e 06), evidenciando a possibilidade de a escola realizar um bom trabalho e obter bons resultados, mesmo atendendo alunos oriundos de grupos econômicos menos favorecidos.

Por fim, podemos concluir que existe um conjunto de fatores que irão influenciar na posição da escola no ranking do ENEM. Porém, sem subestimar a importância dessa avaliação, consideramos que para que a sociedade brasileira desfrute de uma educação de qualidade é preciso muito mais que um bom resultado nesse exame. Nesse sentido, consideramos que uma educação voltada para a formação integral do aluno precise de uma maior valorização social dos profissionais da educação, com melhoria efetiva dos seus salários, das suas condições de trabalho e da sua formação (inicial e continuada). Além disso, é fundamental o envolvimento da família na vida escolar dos alunos. Só assim, a escola poderá contribuir para a formação de cidadãos éticos, autônomos e capazes de desenvolver todas as suas potencialidades pessoais e profissionais.

REFERÊNCIAS

DMPTSP. **Condições precárias de trabalho afastam professores a rede estadual.** Disponível em: <http://www.dmptsp.org.br/todas/555-condicoes-precarias-de-trabalho-afastam-professores-da-rede-estadual> . Acesso em: 27 de nov. 2016.

FENEP. **Contribuição da escola particular brasileira para o exame nacional do ensino médio – ENEM,** p. 03, 2013. Disponível em: < <http://www.sinepepr.org.br/inep/ENEM.pdf> > . Acesso em: 25 jun. 2016.

BRASIL. INEP. **Enem por escolas,** 2015. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/enem/enem-por-escola> . Acesso em: 27 mai. 2016.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. **Educação & Sociedade,** Campinas-SP: CEDES, ano XXV, n^o 89, p. 1127-1144, set. 2004.

RIBEIRO, Renato Janine. **Resultado do ENEM 2014 por escola é divulgado pelo INEP.** 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/08/resultado-do-enem-2014-por-escola-e-divulgado-pelo-inep-veja-lista.html> . Acesso em: 23 de ago. 2017.

TRAVITZKI, Rodrigo. **ENEM: limites e possibilidades do Exame Nacional do Ensino Médio enquanto indicador de qualidade escolar.** 322 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2013.

_____. **O ranking do ENEM às vésperas da primeira década,** 2015. Disponível em: <http://rizomas.net/politicas-publicas-de-educacao/457-o-ranking-do-enem-as-vesperas-da-primeira-decada.html> . Acesso em: 24 jun. 2016.

UNOESTE NOTÍCIAS. **Enem estimula competição e ignora o ensino crítico reflexivo**, 2013. Disponível em: < <https://www.unoeste.br/EAD/Noticias/2013/6/enem-estimula-competicao-e-ignora-o-ensino-critico-reflexivo> . Acesso em: 09 set. 2016.